

O

ESPELHO DIAMANTINO,

PERIODICO

**DE POLITICA LITTERATURA, BELLAS ARTES,
THEATRO, E MODAS.**

DEDICADO

AS SENHORAS BRASILEIRAS.

DECIMO II. NUMERO.

RIO DE JANEIRO ,
NA TYPOGRAPHIA DE P. PLANCHER-SEIGNOT.

~~~~~  
1828.

# O ESPELHO DIAMANTINO,

PERIODICO

DE POLITICA, LITTERATURA, BELLAS ARTES, THEATRO;  
E MODAS.

DEDICADO

ÀS SENHORAS BRASILEIRAS.



ACONTECIMENTOS DE 19 DE NOVEMBRO DE 1827  
EM PARIS.

(do *Courier Français* N.º 325.)

Quando annunciavamos aos nossos leitores a alegria universal causada pelas eleições de Paris, estavam longe de pensar que ella seria perturbada por scenas de luto e de sangue, e que tinhamos de os entristecer com dolorosas relações.

Eisaqui pois os factos, em que parecem concordar as differentes versoens, que nos tem chegado ás mãos.

Hontem a rua de *Saint Denis* estava brilhantemente illuminada, e nella circulava huma numerosa multidão. Hum grande numero de individuos, principalmente meninos, lançavão petardos; outros atiravão lama afrente de algumas casas, que não tinhamo lampiões. Os soldados da Policia de Cavallo, intervierão para fazerem cessar os petardos e dissipar os bandos que se reunião, e as intimaçoens feitas pelos Officiaes forão immediatamente seguidas de ataque e cutiladas. Convem saber-se que tudo havia sido tranquillo athé as dez horas e meia, momento em que os ataques da Policia tornando-se mais frequentes, começarão a ter alguma opposição e resistencia. A Policia retirou se então, e hum grande numero de trabalhadores e de homens do povo servindo-se das materias de algumas casas em construcção, começarão a ellevar parapeitos entre a rua *Grenita* e a dos *Ursos*. Elles não

forão de forma alguma interrompidos neste trabalho, e intrincheirados nos seus parapeitos, assim como em huma casa, que se construia na esquina da rua *Truanderie*, e na que deve formar huma nova passagem parallelá á rua do *Petit Hurbeur*, fizerão chover pedras sobre os soldados da Policia, quando se apresentarão. Então Tropas de linha, e infantaria de Policia dispostos nos arredores, forão chamados á estes lugares. Huma coluna desembocou da rua *Greneta*, e huma intimação feita pelo Official que a commandava, foi instaneamente seguida de huma descarga de mosquetaria; á segunda descarga o parapeito se despovoou. A coluna marchou fazendo fogo na embocadura das ruas sobre a sua passagem. Contarão cinco fogos de pelotão. Estas scenas funestas durarão athé meia hora depois da meia-noite. Figurão-se facilmente todas as desgraças que resultarão deste fogo de mosquetaria dirigido sobre huma multidão cerrada, á quem faltavão tempo e espasso para se retirarem e fugirem á morte.

O horror que experimentamos á vista de tanto sangue então derramado, e que teria sido muito facil poupar-se, a penas nos deixa a faculdade de discutir tranquillamente as questoens que fazem nascer estas scenas espantosas.

A Policia tinha prohibido lançar petardos. Os que contrarião esta prohibição commettem hum acto penivel; mas estas demonstraçoens tem-se tornado entre nós hum habito, que a Policia tolerára e animára em todas as occasioens em que convinha fazer crer a publica alegria.

A violencia empregada para forçar os habitantes a illuminarem-se, não he só huma violação das Leis, he tambem hum grave tumulto oposto á ordem publica, he huma verdadeira baixeza. Revolta ver huma numerosa multidão assaltar a casa de hum particular pacifico, que tem direito de se não regosijar por hum acontecimento que não he favoravel ás suas opinioens. Esta conducta he tanto menos desculpavel, quanto a auctoridade que tão mãos exemplos tem dado, todavia, ainda não deu este. Ella deixa aos Cidadãos a faculdade de se não illuminarem nas festas de preceito, e elles usão francamente desta faculdade. Que expectaculo teria apresentado Pariz, se houvessem homens que quisessem quebrar as vidraças das janellas que se não illuminassem no dia 4 de Novembro.

Mas se algumas pessoas commetterão actos puniveis,

forão elles de tal gravidade que autorisem as medidas deploraveis á que se recorre? Huma contravenção á huma ordem de Policia poderá nunca assemelhar-se á hum crime "capital? Os individuos que lançarão os petardos encorrerão na pena de simples Policia; os que quebrarão as vidraças incorrerão em pena correctional, e apesar disto elles são acutilados, espingardeados, e punidos com morte.

A Magistratura tem traçado a marcha, que se deve seguir em taes circumstancias. Ella decidio, no juizo sobre o acontecimento do Funeral de Manoel, que não havia lugar de empregar-se força contra os que não fazião mais do que contravirem as ordens da Policia. Esta tem muitos agentes para descobrir e prender os perturbadores, para fazer os seus corpos de delictos, e perseguir ante os Tribunaes os que commetterem contravenções e delictos. Porém M. Delavau, apesar desta lição, acha mais breve fazer obrar a força armada, que irritando os espiritos pela sua intervenção, e irritando-se a si mesmo pela resistencia que experimenta, transforma logo em scenas de carneficina, o que não teria sido mais do que hum tumulto sem gravidade.

A Lei ordena dissipar pela força os bandos sediciosos; mas será sedição lançar petardos, ou quebrar vidraças, apesar mesmo de ser isto huma culpavel violencia? Não haverá differença entre hum simples tumulto e huma decidida revolta; entre os que perturbão a ordem nas ruas, e os que atacão o governo com mão armada?

Observarão-se por ventura as precauções prescriptas pelas leis sobre a intervenção da força armada? Desde 1789, os Legisladores não tem tido outro fim mais do que impedir a acção directa da Tropa sobre os Cidadãos; o contacto immediato entre a força armada, e os habitantes desarmados. Elles tem quêrido que os officiaes civis fossem sempre os intermediarios auctorizados entre essas massas tão differentes por seus habitos. De outra sorte, entre homens habituados á empregar a força, e Cidadãos que impacientemente a soffrem, ha logo provocação e irritação reciprocas; e se a auctoridade despreza as precauções ordenadas pela Lei para se prevenirem taes colisões, não ha razão para que o sangue não corra todos os dias em rios. No nosso caso desprezou-se a intervenção dos Officiaes civis. Os commandantes da tropa fizerão intimações sem

se sugentarem ao numero e ao intervallo prescriptos entre cada huma dellas, de sorte que logo que a multidão se quizesse retirar, não podia ter tempo, mormente em huma rua em que lhes faltavão as sahidas.

O negocio era por tanto assaz grave para se despresarem as formalidades. Quando se seguem resultados taes, toda a negligencia he hum crime. Tratava-se do sangue dos Cidadãos, que mesmo quando se deslisão, não devem ler logo considerados como inimigos. Devia-se em rigor attender, que quando se disparão tiros nas ruas, não só os perturbadores são feridos, como tambem os habitantes pacificos, ou trazidos á estes lugares por negocios bem differentes, ou ás janellas por mera curiosidade; as scenas de hontem offercem numerosos e deploraveis exemplos.

Triste e funesto pensamento! desde 13 *vendémiaire* tem havido muitos tumultos e motins em Pariz, mas he a primeira vez que a mosquetaria tem feito retumbar a sua exploração homicida. Então o governo deffendia a sua existencia contra secções armadas, formadas em colunas de ataque com todo o aparato de guerra; aqui o governo queria reprimir algumas desordens commetidas por bandos que folgavão pelas elleiçõens, e que só tinham pedras para sua desseza. Era huma segunda feira, em que a embriaguez não he rara na gente do povo; era hora em que os bebedores entrão na Cidade, e todas estas circumstancias, que não podião ser ignoradas da Policia, deverião fazela mais indulgente. Comparem-se as posiçõens, compare-se a natureza das aggressõens e as medidas empregadas para as reprimir, e diga-se então quem se tem mostrado mais gratuitamente prodigo do sangue dos Cidadãos, se o governo chamado Revolucionario, ou se o de MM. *Villèle, Tronchet, e Delavau*?

Hoje huma numerosa multidão na rua de *Saint Denis*, contemplava em consternação os vestigios do combate da vespera, as paredes e as janellas crivadas de ballas; contavão-se as feridas, os mortos etc. e huns aos outros se perguntavão se tinha havido alguma revolução? Ah! houverão luminarias, petardos, vidraças quehradas, e foi por isto que correo sangue. . . .

Todavia, em outros populosos quarteirões houverão muitas illuminações; em alguns ellas forão raras, muitos petardos se lançarão sem que houvesse a mais pequena de-

sordem, mas a Tropa da Policia não estava presente.

Vendo agora que desordens tão leves forão reprimidas de huma maneira tão cruel, qual deve ser o pensamento publico? He preciso dizer: de todas as partes nos chegão Cidadãos que declarão que estes motins forão provocados por homens que contavão tirar partido. Tantos exemplos de provocações semelhantes, fazem nos dar credito á estes boatos. Não he impossivel que as primeiras desordens fossem espontaneas, e que o modo barbaro da repressão, a que logo se recorreo, irritando os espiritos, produzisse a rezistencia, de que a mosqueteria triumphou. Ha pelo menos hum facto incontestavel, que convém referir. Hontem pelas dez horas hum bando de farroupilhas pela maior parte ebrios, alçando tóchas e lampiões accendidos, procuravão os *Boulevards*, a rua *Vivienne*, a Praça do Commercio, a rua de *Rivoli*, soltando vociferações confuzas, gritando — *viva a Carta, viva o Imperador*—; os Cidadãos olhavão-nos com desgosto, e perguntarão-se quem tinha podido lançar estes miseraveis no meio de huma população pacifica? Passarão em frente de grande numero de postos militares sem que ninguem os dispersasse, e sem angariar sequases novos. Só na Praça *Vandôme* elles forão envolvidos por corpos alli postados. No quarteirão Latino havião sido affixados editaes convidando os estudantes á folgarem na rua de *Saint Denis*. Estes mancebos já illuminados pela experiencia á respeito de taes provocações, não responderão ao convite, cujo resultado não era duvidoso; elles nos dirigirão huma carta a fim de ser publica a sua resolução.

Veremos emfim como a authoridade se explicará sobre estes acontecimentos; se deplorará as desgraças produzidas por huma repressão tão desproporcionada aos delictos. Se o Ministerio procurará aproveitar-se do sangue derramado para gritar — *revolução* — e para dizer aos Elleitores dos grandes Collegios: vós deveis votar segundo o Ministerio; porque Francezes tem perecido aos golpes de Francezes; então tudo será explicado; então se comprehenderá como estas scenas funestas pôdem servir de despertar absurdos terrores, de motivar golpes d'Estado em virtude do Artigo 14 da Carta. Não pôde haver mais do que huma maneira de julgar os resultados dos acontecimentos d'hontem; segundo a linguagem do poder apreciaremos as cousas.

As scenas de hontem recommençarão hoje de huma maneira mais funesta, e com circumstancias mais significativas. A'noite bandos de perturbadores farroupilhas começarão á correr as ruas de *Saint Denis*, *S. Martin*, lançando pedradas as janellas, e gritando — *lampiões*, *lampiões*. — Os habitantes intimidados obedecerão. Estes miseraveis espalharão se depois, pelas ruas de *S. Honoré*, *Grenelle*, *Bouloi*, *Croix-des-Petits-Champ*, commettendo em todas ellas os mesmos excessos. Em muitos lugares travarão-se rixas serias entre elles e os habitantes indignados; mas estes não forão sustentados pela força armada, nem sabemos que aquelles perturbadores fossem presos. Agora mais de que nunca devemos sentir a dissolução da Guarda Nacional, que prontamente teria restabelecido a ordem, sem as desgraças que infelizmente deploramos. A força armada que se aprestára nos *boulevards* começou á operar muito tarde; e então o fogo da Infantaria levou á morte aos bandos que se havião reunido na rua *S. Denis*. Não affligiremos os nossos leitores com o relatorio destas scenas espantosas, antes de verificarmos as particularidades que nos vão chegando.

---

Quando eu digo — no Sonho —, que a *Soberania está em S. M. o Imperador, e não no povo*, fallo do estado presente; porque conhecendo eu mui bem que a organização social, geralmente fallando, he anterior á organização politica; e que todos os Poderes, assim como todas as attribuições estiverão primeiro, nas Nações, do que nós seus Soberanos; não poderião estes gozar d'hum titulo, que em origem não estivesse nas Nações. Tal he a lingoagem politica de todos os Publicistas, desde a primeira existencia de hum Codigo de Direito Publico escripto. Não neguei por tanto, que a Soberania estivesse na Nação Brasileira, e por consequencia não offendi o artigo 48 da Constituição dada no Projecto por S. M. o Imperador: affirmo sim, que no estado actual da nossa organização Politica a Soberania está em S. M. o Imperador, como o 1.º, e o Augusto Chefe da Nação constituida, de quem passou a Elle, e a todos os Príncipes, Seus Successores o Titulo, e a Representação de Soberano,

como diz a Constituição do Imperio — todos os poderes no Imperio do Brasil são Delegações da Nação.

Lede, Mr. o grande Publicista Mr. de Felice, — Lição terceira dos Soberanos, e dos Subditos — eis-aqui o que elle diz — a Soberania residia em origem, no Povo: mas logo que o Povo transferio o seu Direito á hum Soberano, não se poderia suppôr, sem contradicção, que elle seja ainda Senhor. Daqui se segue que a distincção, feita pelos politicos, d'huma Soberania *Real*, que reside sempre no Povo; e d'huma Soberania *actual*, que pertence ao Monarca, he tão absurda, como perigoza. He ridicula pertençaõ, julgar-se, que ainda depois que a Nação tem deferido a Soberana Auctoridade á hum Monarca, fique de posse desta mesma Auctoridade, superior ao Monarca — Eu estava acordado, quando fiz o artigo — Sonho — com o Direito publico diante dos olhos, e com a Constituição do Imperio do Brasil, a mais Liberal de todas as Constituições até hoje existentes, onde S. M. o Imperador, o Grande Creador do Imperio, mostrou em hum gráo ultra a Boa Fé, e a Confiança que tinha, na Nação Brasileira, e a mais decidida negação para o Despotismo. Houvesse na Europa tão boa fé, e tanta firmeza nos principios politicos.

CHEVALIER.

---

### MEMORIAS HISTORICAS.

#### HUM AUCTO-DA-FÉ.

(*Fragmento.*)

Era meio dia, huma multidão confuza e innumeravel obstruia as ruinas do Guadaluviar, e as ruas ordinariamente tão dezertas d' antiga Valeça. Huns sujos, insolentes religiosos, huns mariolas, huns Ciganos, toda esta população evadida da Hespanha, tão hedionda, tão miseravel, se opprimia como ondas tumultuosas e parecião ter esquecido hum instante sua apathia habitual. Hum francez cheio de admiração considerava, estes homens, estas mulheres, e meninos cobertos de farrapos, e cujos semblantes macilentos e queimados pelo sol, exprimião n'aquelle momento huma curiosidade impaciente.



Presumindo que se ia tratar de alguma solemnidade interessante; da chegada de algum Taureador celebre, o francez meteo-se na multidão, e se deixou conduzir em silencio a praça publica que parecia o fim da pressa e zelo geral.

Entretanto, não longe d'ahi, em huma masmorra obscura, sobre palha infecta está estendido hum desgraçado carregado de ferros, e cujas feições palidas e desfiguradas trazem comsigo a idéia de hum longo soffrimento. Sua vista morna esta fixa para a terra; algumas vezes elle a dirige estremecendo sobre as grades de ferro que fortalecem a janella da prizão; hum raio d'esperança parece então reanimar seo abatido coração; elle mede em seo pensamento o intervallo que o separa da salvação, da liberdade; porem bem depressa a illuzão se dissipa; a cabeça lhe cahe sobre o peito; seus cabellos arrepião, e seus musculos contrahindo-se, hum suor gelado innunda sua fronte, tudo emfim annuncia n'elle hum profundo abatimento.

» Está pois terminado, exclamou elle levantando com  
 » amargura suas cadéas, minha sentença está proferida;  
 » eu sou riscado do numero dos viventes; sem es-  
 » perança..... E quaes forão meus juizes? ... Sacer-  
 » dotes estupidos e fanaticos;..... qual he meo crime?  
 » adorar a Deos seguindo a crença de meus pays.....  
 » Pedirão meo sangue, e na furia mais cega condemna-  
 » rão-me a perecer sobre as chamas!.... Pois elles es-  
 » perão, por meio d'este holocausto medonho, chamar  
 » sobre suas cabeças as bençãos de hum Deos de paz  
 » e de misericordia?... Os barbaros!.... Invocando  
 » seo nome he que elles lerão minha sentença.... nem  
 » por attenção à muita idade, nem à muita longa probi-  
 » dade ante sua raiva sanguinaria pude merecer graça:  
 » A heresia, disserão elles, he hum crime que merece  
 » a morte.... E eu vou morrer...! morrer longe de  
 » tudo o que me he caro!!!» Não acabou; tinha a  
 hora fatal tocado; abriu-se a porta da prizão, e rolou  
 sobre seus gonzos com hum ruido que parecia hum écho  
 do inferno. Feros, hediondos satellites vierão tirar as  
 cadéas do infeliz cativo, que já não oppunha a estes  
 horriveis preparos senão huma força de inercia. Reves-  
 tirão-no com huma roupa amarella, chamada *san benito*  
 ; cubrirão-lhe a cabeça com hum enorme bonnet so-

meado de chamas e de pinturas diabolicas; puzerão-lhe hum cirio na mão, e com este apparatus, cercado de Esbirros, precedido pelos Sacerdotes que entoavão os Psalmos, se pôs em marcha, e começou assim o lugubre cortejo a desfillar pela Cidade. Já o povo se tinha reunido na praça publica, em cujo centro se elevava huma fogueira; em huma das extremidades, em huma trilha, estavam colocados os Sacrilegos Sacerdotes que vinhão saciar seus olhos com os tormentos da victima. Quanto ao francez, esperava com anciedade o termo de huma Scena tão estranha. Apareceo em fim o heroe d'esta impia festa; impassivel, resignado à sua sorte, escutou em silencio as ultimas exhortaçoes do Religioso que o acompanhava; porem logo que elle ouviu dizer que confessasse seu crime, que abjurasse sua heresia, voltou a cabeça com desdem, lançou huma ultima vista de desprezo sobre seus juizes, sobre este povo que o considerava com huma estúpida avidez, e se lançou com hum passo firme sobre a fogueira. Então o fogo cintillava em borbolhoens; o fumo s'elevava em longas columnas pelos ares, immensos turbilhoens de chamas circumdão a Victima, em quanto o ruido dos sinos, os cantos dos Sacerdotes encobria seus ultimos gritos. N'este medonho êspectaculo o francez sentio gelar se todo o sangue de suas veias; já hia patentear sua indignação, porém deteve se: vistas escrutadoras estavam fixas sobre elle, e a fogueira ainda fumegava:.....

Leitor, vós talvez julgueis que eu tenha recorrido aos annaes da vèlha idade, á historia dos Valverdes, dos Molinas, e que d'elles colhesse a narração sanguenta que acabo de expor-vos? Desenganai-vos; sua data he mais recente: he de nossos dias, do decimo-nono Seculo, e ha apenas hum anno, que no seio de huma nação da Europa, em presença de hum povo que diz ser civilisado, em Hespanha, em Valença em fim, queimarão hum heretico.... Estremecei, mas não vos admireis. Com as congregaçoes chega-se por grãos a estas scenas atterradoras. Principião por amaldiçoar, e queimar as obras de *Voltaire*, e acabão por queimar os homens!!

## ABDIÇÃO DE S. M. O IMPERADOR D. PEDRO I. DA COROA DE PORTUGAL.

---

O Brasil, debaixo de nem huma relação, não tem necessidade de Portugal. Elle lhe não pede senão huma só cousa, que he cessar de occupar-se com elle.

« De Pradt: verdadeiro systema da Europa concernente á America etc. 1825 » pag. 219.

---

A historia contemporanea se ensoberbece dos tres actos politicos que assegurao ao Monarcha, que primeiro elevou seu throno sobre o continente da America do Sul, hum gráo distincto na memoria da posteridade. Estes tres actos são, o manifesto da emancipação do Brasil; o acto da abdicação da Coroa de Portugal, e a Carta dada pelo Soberano á antiga metropole; Carta fecundada debaixo do livre céu da America e plantada depois sobre as margens do Tejo; Carta que attesta a influencia que successivamente o continente Americano tem tomado sobre a velha Europa.

D'estes tres actos, o primeiro he hum modelo de liberalismo. Nem hum liberal Europeo, diz Mr. de Pradt. (*obra citada*) tem sobrepassado a doutrina do contido no manifesto que D. Pedro I. Publicou na occasião de sua elevação a Imperio, que começava por estes termos: « *O tempo de enganar os homens está passado!* »

A Carta promulgada á Nação Portugueza foi meditada; tudo quanto ella tem de bom, he tirado da Constituição Brasileira; transplantada ao solo Europeo, ella tem provocado o odio, e os ataques dos antigos partidistas das doutrinas absolutas; o partido apostolico tem posto a Peninsula em combustão, e as intrigas de todos os Proletarios interessados na conservação do Governo absoluto, tem redobrado pela perda do unico bem que foi devolvido a Portugal, depois da perdição de suas colonias. As obras politicas dos escritores Portuguezes os mais amigos de instituições liberaes são impressas com huma cor de animosidade contra tudo que vem do Brasil. Esta mesma Carta não tem obstado, esta Carta que lhes garante sua mais bella prerogativa. No momento em que nós escrevemos estas linhas os estudantes fazem atroar as sallas da Uuiversidade de Coimbra com declamações contra o direito de D. Pedro

Soberania de Portugal; contra o Direito de promulgar huma Constituição á Nação Portugueza. Taes são as enleivações cegas e o estranho juizo que mostram certos homens sobre os acontecimentos contemporaneos! Em quanto que alguns jornaes de Buenos-Ayres appellidão o Imperador hum novo Felippe de Macedonia, os escritores de outro hemisferio o tratão de illegitimo, e de usurpador!... Porém, destes tres actos emanados da augusta vontade de S. M., a abdicção da Coroa de Seus Antepassados he a que marca, no mais alto gráo, quanto S. M. sentio a importancia da emancipação Americana; he este acto que consolida a garantia dada ao Imperio do Brasil, segurando a Nação Brasileira sobre sua devoção á Causa sagrada de sua Independencia. O Imperador D. Pedro poz o ultimo sello ás suas obras politicas.

Aquelle acto imprimio silencio a esta multidão de detractores que lanção o desfavor e a desconfiança sobre as palavras e os juramentos do Soberano; por duas vezes foi dada publicamente a palavra de romper os laços que união o Brazil a Portugal; hum juramento tao sagrado, hum acto tao justo como solemne poderá ter algum effeito retroactivo? não sem duvida! nem a Vontade do Monarcha, nem o Imperio da opinião e da necessidade, não podem ser vencidos pela combinação das forças reunidas da Santa Alliança, e do Pacto apostolico! O Brazil não pode já mais passar sob o jugo de Portugal: a Inglaterra, a America do Norte, jurarão a integridade e a independencia do Imperio; a maior parte das Potencias da Europa reconhecerão esta separação. Quem poderia hoje accomodar debaixo da direcção de Portugal a immensa extenção do continente Americano, que se estende do Rio das Amazonas ao da Prata? Portugal sem Tropas e sem dinheiro pode cuidar em reconquistal-lo? Certos Portuguezes cegos pelos prejuizos, e pezares da perda de seus poderes, podem pensar ainda, podem sonhar em huma conquista tao illusoria, porém os Publicistas, os homens esclarecidos d'aquella nação não o podem pensar: Hum orador disse na Tribuna da Camara dos Deputados de Lisboa (veja-se as gazetas de Lisboa do mez de Janeiro de 1828) que não era mais necessario cuidar na possessão do Brasil, e que era urgente dirigir huma attenção particular as Ilhas das Canarias, e do Ca-

bo-verde que ficassem tambem ao Reyno de Portugal (1); porém este pode dispensar-se do Brasil? Eis huma questão que tratarei em hum segundo artigo determinando os effeitos do acto da Abdicação, e precizando a posição politica, e commercial das duas nações em outro tempo submettidas ás Leys de hum Soberano unico.

B. F.

---

### MOTICIAS ESTRANGEIRAS.

A historia, tal como a escreverão nos seculos passados, he mais a história dos Reys que a dos Povos: A menor acção do Soberano, hum dito feliz erão os documentos que os historiadores colhião com o maior cuidado: a existencia dos Povos apenas era então revelada. Presentemente, com a forma dos governos que rege huma grande parte do mundo civilisado, a historia de huma nação deve ser ao mesmo tempo a dos Povos que a compoem, do Soberano que a governa, e das instituições que a rege; os documentos que lhe servem de base são de huma natureza inteiramente differente. Ella deve referir todas as relações que tem com as outras nações civilisadas; ella deve ser escripta philosophicamente.

He sob este ponto de vista que nós encaramos a recente mudança do ministerio em França. Se julgar-mos como estes homens que considerão superficialmente os accontecimentos que se effeituão no seio das nações, diremos que he huma mudança de nomes, huma simples mutação dos Conselheiros do Trono; porem a reflectirmos seriamente, se remontarmos ás cauzas que produzirão aquelles factos, a despedida dos antigos Ministros he hum successo immenso; huma victoria assignalada, vencida pela liberdade ao despotismo ministerial, ao despotismo cem vezes ainda mais humilhante dos frades e dos clerigos; he hum triumpho da opinião, em huma palavra, he o Governo constitucional mesmo.

---

(1) Tomemos o acto d'esta declaração que na época das Cortes de 1822, teria sido recebida com o sorriso do desdem, e a altivez do desprezo. O Brasil não pôde jámais pertencer a Portugal.

A Nação Franceza oppoz durante seis annos huma resignação admiravel á usurpação progressiva de todas as suas instituições. Os homens que estavam á testa da administração nacional attacarão com hum descaramento, e huma audacia sem exemplo, seus direitos civis e as liberdades de sua Igreja; a corrupção introduzio-se, por assim dizer, na ordem do dia, no seio de huma Nação moral: os direitos mais sagrados, a fé dos juramentos, tudo foi violado por homens potentados. Chegou o tempo das resistencias legais, a nação em massa venceu; seus inimigos estão derrotados. Podia-se temer os gritos do odio, da vingança; porém os do desprezo forão sempre superaveis á todos os mais. O Rey do alto de seu throno, ouviu os gritos de seu Povo, e cheio de equidade o attende: seu nome será para sempre abençoado.

A força da opinião publica, esta rainha do mundo, e dos Reys mesmos, manifestou-se sobre tudo nesta circumstancia. Os jornaes não forão mais que os interpretes d'esta opinião. O *jornalismo*, esta nova potencia, pela qual foi creado hum termo novo, he o motivo a que erradamente os amigos do antigo ministerio attribuem sua queda. Aqui existe hum grande erro: O ministerio *Villete* cahio debaixo do peso de suas iniquidades, e do odio da Nação; e se durou tanto tempo foi porque não se appresentou occasião de resistencia legitima a huma nação que aborrece a rebelião; desde o momento que ella pôde combater constitucionalmente, venceu huma grande victoria; ella pôde presentemente exclamar com o Poeta, fallando do Ministerio:

- J'ai vu l'Impie adoré sur la terre :
- Semblable au Cèdre , il cachait dans les Cieux  
   » Son front audacieux ;
- Il semblait à son gré gouverner le tonnerre ,
- Foulait aux pieds ses ennemis vaincus ,
- Je n'ai fait que paraître , il n'était déjà plus. (1)

Cessando agora de encarar este acontecimento debai-

(1) Eu vi o Impio sobre a terra adorado, semelhante ao cedro, escondia entre as nuvens sua fronte audaciosa; parecia a seu grado governar o trovão, sulcava aos pés seus vencidos inimigos; porém mal que appareci já elle não existia.

xô de hum ponto de vista geral, passemos a reconhecer que a escolha feita pelo Rey de França pode offerecer huma garantia passageira. Os homens chamados ao poder e ao conselho do Rey, estão pela maior parte de posse da estima publica.

Mr. Le Comte Portalis, filho do ministro encarregado dos Cultos do Imperio, em tempo de Napoleão, faz parte da opposição liberal da Camara dos Pares: he homem joven e de talento:

Mr. Le Comte Roy, membro da opposição da Camara dos Pares, adquirio por suas relações sobre o *Budget* na Camara dos Deputados, de que foi membro, a reputação de hum Financeiro. Duas vezes foi nomeado ministro das Finanças, em cujo lugar, pela pouca duração, apenas teve tempo para patentear suas boas intenções.

Mr. Le Vicomte de Caux he hum administrador distincto; occupado ha muito tempo á frente da administração dos negocios da guerra, possui profundos conhecimentos naquelle ministerio, cujo ramo mais importante he confiado ao Delphin. O mesmo diremos de Mr. Le Comte de Chabrol, que se conservou no ministerio da marinha, porque tendo recusado subscrever o decreto que dissolvia a Guarda-Nacional, ficou por isso excepto do odio com que a nação opprimia seus antigos collegas.

Mr. Le Comte de la Ferronaye he pouco conhecido como homem de Estado. O posto mais elevado em que elle figurou foi o de Embaixador de França em S. Petersbourg.

Mr. Le Vicomte de Martignac, ministro do Interior, he o homem mais importante do novo Gabinete: seu nome se acha complicado em todas as faltas, em todos os delictos do ultimo ministerio. He o homem de Mr. de Villele, cujas opiniões elle ainda apresenta na nova administração: He o homem do direito de primogenitura, do sacrilegio, da censura: em huma palavra, Mr. Le Vicomte de Martignac, por si só he hum systema completo. A Hespanha, este desgraçado Paiz, lhe deve sua reorganização Politica depois da Guerra de 1823, sendo nomeado commissario do Rei: He hum homem sagaz, fino, muito eloquente, com grandes talentos. Mr. Martignac não he, por me servir de huma expressão de Mr. de Chateaubriant, *O homem dos dias passados*, porem

he o instrumento de que se servem os homens dos antigos dias. Este ministro será todavia no novo Conselho o advogado do systema de Mr. de Villele, e sua presença só pode fazer temer que se volte ao leme dos negocios deste homera de estado tão desgraçadamente celebre.

Esta administração feita appressadamente, esta reunião de homera ou oppositos ou dissidentes de opinião, não nos parece ser nem esta homogeneidade, nem aquella força moral, principios indispensaveis para governar debaixo do Imperio de huma Carta, e com responsabilidade: porem sob seus auspicios, Camara poderá reunir-se pacificamente, verificar os poderes de seus membros, discutir a resposta á fallz do Rei sem hostilidade, e os ministros serão testemunhas dos debates que devem produzir a nomeação de hum ministerio homogeneo, forte, fixo em seus projectos, e ao qual este não servira senão de transição.

---

### CHRONICA E ANECDOTAS.

A posteridade não conheceu a *medonha desgraça* de que Bayle, auctor do dictionario philosophico, foi ferido; e que elle mesmo a deplora na lamentavel Carta que se segue:

» Eu disse na Carta que dirigi ao Sr. Abbade Big-  
 » non que os Impressores do meu dictionario fizeram  
 » bastantes faltas; e todos os dias descubro novos erros.  
 » Eu não reli todas as provas, e nem elles emendarão  
 » tudo o que marquei para ser corrigido. Esta manhã  
 » descobri que elles me fizeram dizer huma grande men-  
 » tira; porque não quizerão ter o trabalho de consul-  
 » tar o original. Eis a que estão expostos os auctores;  
 » he preciso que elles postem a pena de suas faltas, e  
 » as dos correctores de Impressão. »

BAYLE.

Quando vemos huma das mais fortes cabeças do grande Seculo, perturbada por huma falta de Impressão, he de necessidade reconhecer que não ha philosophia que resista contra este genero de infortunio. Com razão nos enternecem os lamentos do Ilustre auctor do dictionario.



Si Bayle fosse nosso collaborador, ou de algum periodico do Rio de Janeiro, sem excepção, morreria, ou tambem faria como nós, e se armaria de huma estóica resignação.

= Um poema intitulado *Faust* ou a *Imprensa* acaba de ser supprimido, condemnado, e queimado em Madrid. He todavia hum *auto da-fé*.

= Que se ganha com a leitura da *Astréa*? A hemi-cranca (*artigo communicado*.)

= A calumnia he como o carvão, que nos ennegrece quando nos não queima.

= Acconteceu ultimamente ao meio dia da França hum factó assás curioso. Hum Official da guarnição de Toulon conduzia antes o Official Civil sua desposada muito bem ornada, e ricamente dotada. Ao subir a escada ella pôs o pé sobre seu vestido e o rasgou. O desposado julgando ainda fallar a hum soldado de sua companhia, apostrophou-a dizendo: *Irra! he preciso que sejaes muito besta*. A senhora confuza não lhe respondeu nada; porém logo que o Official Publico fez as perguntas do costume, ella respondeu por hum *não* mui bem pronunciado; não querendo, assegurou ella, que o Senhor tomasse huma besta para consorte. Todos os assistentes applaudirão a prudente determinação d'aquella Jovem.

= Na Europa dizem que o Grão-Sultão he hum dos proprietarios do Jornal Official o *Observador Austriaco*.

= Annuncia-se como devendo ser exposta á venda incessantemente nas casas de todos os principaes Livreiros huma obra de hum grande interesse; tem por titulo: *Collecção das correspondencias da Astréa, ou Curso completo de Logica, de boa fé, de Espirito, e de estylo epistolar*, para uso dos Jornalistas.

= Pequeno dialogo = Etá que pensais vós? — Eu medito sobre hum projecto de Ley; porém hesito para pro-po-lo — Porque? — Porque lançaria em hum grande embaraço hum de nossos bons amigos. — Mas, qual he todavia o projecto? — He obrigar a todos os redactores de jornaes a soffrerem hum exame, e a darem huma prova de juizo, d'espírito, e de instrucção. — Guardai-vos bem de o fazeres; tēde alguma caridade com esta pobre *Astréa*.

= ▲ *Astréa* pretende provavelmente lavar-se de todos

os seus vólhos peccados, pois ella foi morar na rua do Sabão.

= Huma dama Ingleza citou no Tribunal, hum seu creado culpado por ter comido hum Rostbeef de 30 libras, huma perua recheada, alguns faizões, hum quarto de carneiro etc. O pobre rapaz não negou o factó, porém disse que sua ama era obrigada a nutri-lo, e que elle não tinha comettido roubo algum. O Juiz julgou que a voracidade não era hum crime, e ordenou a satisfação ao accusado. Este magistrado julgou como hum ministro francez.

= O Quotidiano, jornal Francez, relata muitas scenas da corte que se apresentarão no Palacio no dia do retorno dos ministros.

Nós temos vistos entre outros incidentes d'este pequeno Drama que o jantar do Rey demorou-se huma pouco, tanto as pessoas do serviço de S. M. estavam occupadas com as noticias que se espalhavão.

*Relação das idades dos Soberanos regentes no 1.º de Janeiro de 1828.*

|                          |               | annos. | mezes. | dias. |
|--------------------------|---------------|--------|--------|-------|
| Antonio Clemente.....    | Saxonia.....  | 72     | 2      | 4     |
| Carlos X. ....           | França.....   | 70     | 2      | 25    |
| Leão XII.....            | Papa.....     | 67     | 4      | 29    |
| Jorge IV.....            | Inglaterra .. | 65     | 4      | 19    |
| Carlos João.....         | Suecia.....   | 63     | 11     | 5     |
| Carlos Feliz.....        | Sardenha...   | 62     | 8      | 25    |
| Frederico IV.....        | Dinamarca..   | 59     | 11     | 17    |
| Francisco I.....         | Austria.....  | 59     | 10     | 19    |
| Frederico Guilherme..... | Prussia.....  | 57     | 4      | 26    |
| Guilherme Frederico..... | Paizes-baixos | 55     | 4      | 17    |
| Francisco.....           | Napoles. ...  | 50     | 4      | 29    |
| Guilherme.....           | Wurtemberg    | 46     | 3      | 4     |
| Mahmoud II.....          | Turquia....   | 43     | 5      | 11    |
| Fernando VII.....        | Hespanha ..   | 43     | 2      | 18    |
| Luiz.....                | Baviera.....  | 41     | 4      | 6     |
| Nicoláo.....             | Russia.....   | 31     | 5      | 29    |
| Dom Pedro I.....         | Brasil.....   | 29     | 2      | 19    |
| Dona Maria II.....       | Portugal....  | 10     | 4      | 27    |

= Eis hum annuncio que se acha impresso em hum numero do jornal de *Charlestown.* » Que se prenda o *fugitivo!!!* Quinze pesos de recompensa!! Em qualquer parte que encontrem meu escravo Will que fugio de minha casa o Sabbado passado, sem que eu lhe desse motivo de queixa (*pois eu sou hum Senhor humano*): a recompensa d'isto pertencerá a pessoa que fizer recolher o dito escravo em alguma prisão, ou o conduzirá a minha Fazenda em Liberty-Hall (lugar da Liberdade). Pode ser conhecido pelas cortaduras dos açoutes sobre os rins: Parece-me que elle tomaria o caminho de Coelobalthie, onde elle tem huma mulher, e cinco filhos que eu vendi a semana passada. » Que humanidade, grande Deos!!! Felizmente nossos innocentes diarios de ventem, e do commercio nunca contém exemplos semelhantes!

## VARIÉTÉS.

## LÉTTRES

## SUR RIO DE JANEIRO.

N.º 4.

Plus on s'occupe des affaires publiques, Monsieur, et plus on trouve devant soi un champ vaste aux réflexions de tous genres. Je n'admets pas volontiers les plaintes de nos journalistes quand ils prétendent manquer de sujets à traiter; je serais plutôt tenté de les accuser d'un peu de charlatanisme, ou de négligence. Si je comprends bien l'institution des journaux, c'est un moyen de correspondance journalière entre quelques hommes qui s'occupent exclusivement des affaires de l'Etat et la partie instruite de la population; et cette correspondance, selon moi, ne peut jamais languir. La marche du gouvernement représentatif offre toujours matière à des réflexions intéressantes, et, n'en déplaît à nos publicistes, s'ils veulent s'occuper sérieusement de leur tâche, ils ne doivent avoir que l'embarras du choix. C'est au moins le cas où je me trouve aujourd'hui en vous écrivant.

Parlons d'abord de ce qui est officiel. Le document le plus important qui ait été publié depuis quinze jours, est le décret de S. M. comme roi de Portugal. Cette abdication pleine et entière faite à la face du monde, enlève jusqu'au moindre prétexte à la malveillance : aussi, Monsieur, nos alarmistes, en désespoir de cause, n'ont trouvé à critiquer dans cet acte de la haute sagesse de S. M., que le titre de

Lieutenant du Royaume par lequel l'Infant est désigné : S. A. R. , disent-ils, gouvernera toujours au nom du Roi D. Pedro, la séparation des deux états ne sera pas pleine et entière. . . . . Il suffit pour faire tomber tout cet échafaudage de mots , de faire remarquer qu'à la date du décret S. M. n'a pu désigner son auguste frère que par le titre dont elle l'avait honoré, et dont il jouissait encore au moment où le décret a été signé. Quand à la discussion qui s'était élevée sur la souveraineté , l'empereur a tranché le *nœud gordien* : il n'est plus permis de croire que c'est offenser S. M. que de la désigner par le mot de souverain, Je ne vous fais pas part des autres réflexions qu'a fait naître en moi ce grand acte de politique, prévu dès longtemps, mais dont l'authenticité fera néanmoins une profonde sensation en Europe : je vous renvoie à celles qu'il a suggérées à l'un des collaborateurs de l'Espelho, et qui sont contenues dans ce numéro.

C'est une bien forte preuve de patriotisme que d'accepter la direction des affaires publiques dans les temps où nous vivons : il faut s'attendre à toute espèce d'injustice ; les intentions les plus pures ne sont comptées pour rien. C'est le vice capital de notre époque que cette propension à la critique qu'on a érigé en système. Nos ministres, Monsieur, sont comme leurs collègues d'Europe les victimes de cette manie du jour. La guerre que leur fait notre opposition ( véritable caricature des oppositions de France et d'Angleterre ) est loin d'être aussi ouverte et aussi savamment dirigée, mais elle n'en est pas moins vive. On leur reproche, entr'autres griefs, d'avoir porté aux emplois vacants leurs amis ou dans la langue de l'opposition leurs créatures. Il est de fait que les nominations ont été faites légalement et sans partialité. Un des exemples que l'on cite et dont on fait un grand crime à Mr. le Ministre de l'Intérieur, c'est la nomination du professeur de langue française à l'école de droit à San Paolo. Ce choix, dit-on, a été fait par la faveur. Il est cependant positif, et le procès verbal signé de Mr. le directeur des Etudes Vicomte de Cairù en est une preuve irrécusable, que ce maître a été nommé au concours, et qu'il l'a emporté sur quatorze concurrents. S'il n'a pas toute la capacité requise, ce que l'on peut bien certainement contester, peut-on en faire un reproche au ministre qui

a légalement agi en faisant tomber le choix de l'Empereur sur le plus capable des candidats qui se sont présentés au Concours.

Vous aurez sans doute remarqué, Monsieur, que le revenu de la douane s'est élevé pendant le mois de Janvier de cette année à près de 365 contos de reis, somme énorme comparativement aux recettes que le gouvernement retirait depuis quelque temps de cet établissement, principale source de ses revenus. Ce fait est d'autant plus remarquable, que, pendant la dernière quinzaine de Décembre et tout le mois de Janvier, il n'était entré qu'un très petit nombre de bâtimens. On attribue généralement ce surcroît de recettes à deux causes principales : la présence presque continuelle du ministre à la douane, et le zèle des employés qui ont craint d'être remplacés, et qui ne sont pas sans inquiétude sur les changements que l'adjudication d'une partie des douanes pourrait amener par la suite dans la manière d'exploiter. Quoiqu'il en soit l'Etat a profité et profite encore journellement de cet excès de zèle. Il n'y a encore rien de décidé relativement à cette adjudication (*Arrematação.*) Jusqu'à présent elle est sans effet, et les deux compagnies qui se sont présentées pour s'en charger sont en contestations.

Puisque nous traitons des revenus de l'Etat, dans lesquels des mains habiles ont entrepris d'introduire de l'ordre, je suis étonné qu'on ne songe pas à réclamer les droits dus par les personnes auxquelles S. M. a concédé différents titres de noblesse. Une grande partie de ces droits fixés par les lois de l'Empire, n'ont point encore été perçus par la *mordomia mór*, et, versés au trésor, ils arriveraient dans un moment opportun et recevraient une application profitable à la Nation. Cet Impôt, Monsieur, est peut-être le plus philosophique de tous, car il ne pèse que sur la vanité ou la faiblesse humaine, ne fait pas gémir le peuple, et tous ceux qu'il atteint l'acquittent avec joie. S'il était permis de plaisanter quand il s'agit du fisc, je ferais observer qu'il y a, peut-être, un peu de cruauté à retarder le payement de cet Impôt. Il se ferait beaucoup moins sentir si on l'exigeait de suite : il est si doux, le lendemain de sa nomination, de se voir adresser une quittance au nom de Mr. le Marquis, Mr. le Comte

ou même Mr. le Baron ; mais au bout d'une ou deux années , on est déjà blâsé sur cette jouissance , et l'on paye en fronçant le sourcil l'argent qu'on aurait donné d'abondance de cœur.

Je suis peu surpris, Monsieur , de l'intérêt que tous les hommes instruits ont pris aux débats relatifs aux élections qui viennent de se renouveler en France. Nous allons nous-mêmes nous trouver dans une position à peu près semblable ; nous touchons au moment où de doubles élections vont renouveler les membres de la chambre des députés et du Jury. Bientôt, sans doute, nos journalistes vont s'emparer de cette question si importante dans le système représentatif. Notre position ne peut certainement pas se comparer avec celle de la France avant la dissolution de la dernière chambre. Comme elle nous n'avons pas un ministère inique, opprimant et avilissant la nation : comme elle nous n'avons pas une assemblée composée de toutes les incapacités du pays, *ministerii servum pecus*. "Notre chambre des députés a fait preuve de lumières, de patriotisme et d'indépendance : ses délibérations ont presque toujours été exemptes de reproches : ses travaux sont un monument durable élevé à sa gloire. La seule chose que les hommes habitués à observer auraient désiré y trouver à un plus haut degré, est une tactique parlementaire mieux dirigée, et plus de clarté dans le mode des délibérations ; mais quelques légers changements dans le réglemeut amèneraient cette amélioration. D'autres personnes, et je suis de ce nombre, auraient désiré voir le gouvernement user de l'initiative que lui donne la constitution ; mais les membres du dernier ministère n'avaient pas tous le don de la parole, et les essais qu'ils ont fait de l'éloquence parlementaire n'ont pas été heureux. Cependant pour les esprits portés à réfléchir, les progrès de notre chambre élective, d'une session à l'autre ont été immenses, et tout nous fait espérer qu'ils seront encore plus marqués à la session prochaine. L'éducation constitutionnelle n'est pas l'œuvre d'un jour. Ces nuances diverses qui amènent ce choc des opinions d'où jaillit la lumière, n'ont pas encore assez été indiquées ; mais le temps seul peut amener ces heureux changements, et les hommes et les idées ne se classent pas en un jour.

L'assemblée législative est appelée à exercer, de concert

avec le Souverain, la plus salutaire influence sur les destinées de l'Empire : de son zèle nous pouvons attendre la réforme de tous les abus : c'est elle qui doit, avec le temps, coordonner toutes nos institutions ; c'est donc une chose de la plus haute importance que le choix des hommes que les électeurs enverront à la chambre. Chacun se fait à sa manière, et suivant le parti auquel il appartient, l'idée d'un bon député. Les uns le voient dans un homme sacrifiant toutes ses propres idées à celles du pouvoir, sous prétexte de ne point entraver la marche du gouvernement ; d'autres dans celui qui se fait un système d'une opposition obligée à tous les actes du gouvernement, quels qu'ils soient. Ni l'un ni l'autre ne peut être considéré comme un bon et loyal député. Je ne connais pas d'écrivain qui m'ait donné une idée parfaite d'un représentant de la nation, vraiment digne de ce titre, comme la lettre du général Drouot à l'un de ses amis nouvellement élu par un des départements de la France. Exemple de la plus noble fidélité, compagnon d'exil de l'Empereur Napoléon à l'île d'Elbe, il était encore réservé au général Drouot d'être le modèle d'un parfait citoyen. Je cède au désir de vous faire connaître textuellement une partie de cette lettre dont il serait d'ailleurs impossible de faire l'analyse, car chaque mot est une vérité frappante. La voici :

» Vous désirez avoir mon avis sur la conduite que vous devez tenir pour bien remplir les fonctions dont vous venez d'être investi ; je m'empresse de répondre à la confiance dont vous voulez bien m'honorer, en vous exposant les principes qui, selon moi, doivent diriger un bon et loyal député.

» 1.<sup>o</sup> Vous serez fidèle au Roi et à la Charte ; notre fidélité inviolable à l'un et à l'autre peut seule assurer la tranquillité et le bonheur de la France.

» 2.<sup>o</sup> Mandataire du peuple, vous défendrez avec intrépidité les libertés publiques ; mais vous n'oublierez point que le Gouvernement a besoin de force et de considération pour inspirer dans l'intérieur la confiance et l'amour, et pour diriger avec succès les rouages d'une vaste administration. Vous regarderez donc comme un devoir sacré de défendre la majesté du trône et de conser-



ver avec un respect religieux les droits et les prérogatives de la couronne.

» 3.<sup>o</sup> Vous voterez avec les ministres quand leurs propositions vous paraîtront utiles à la France; mais vous voterez contre les mesures qui porteraient la moindre atteinte à la Charte, à la justice ou à la morale publique; vous repousserez avec indignation tout ce qui pourrait altérer et corrompre le noble caractère d'une nation franche, loyale et généreuse.

» 4.<sup>o</sup> Vous ferez honorer la religion et les ministres des autels qui suivent avec humilité les préceptes de notre divin maître. Si quelques-uns d'entr'eux oublieraient que leur royaume n'est pas de ce monde, vous opposeriez à leur ambition une barrière inexpugnable. Vous refuserez votre consentement au rétablissement d'une société qui fut célèbre par les vertus et l'instruction de plusieurs membres, mais qui se rendit redoutable aux peuples et aux rois par son esprit d'intrigue et de domination.

» 5.<sup>o</sup> Vous proposerez toutes les économies qui vous paraîtront compatibles avec la justice, l'intérêt et la dignité de la France. C'est dans les années de calme et de repos qu'il faut diminuer les dépenses, approvisionner les places et les arsenaux, et se préparer des ressources pour les temps difficiles. Si jamais la France était menacée dans son honneur et dans son indépendance, vous pourriez alors nous imposer les plus fortes charges. Nous serions prêts à sacrifier nos biens et notre vie pour le salut de notre chère patrie.

» 6.<sup>o</sup> Pendant la durée de vos fonctions, vous n'accepterez ni emploi, ni faveur d'aucune espèce. Si vous avez bien rempli votre mandat, la reconnaissance de vos concitoyens sera pour vous la plus douce et la plus honorable des récompenses.

» Voilà, Monsieur, les principes qui, suivant moi, doivent guider un député; appuyé sur ces principes, vous marcherez d'un pas assuré dans la carrière honorable que vos concitoyens viennent d'ouvrir devant vous; étranger aux factions, aux partis, aux coteries, vous n'aurez d'autre passion que l'amour du bien public, d'autre ambition que d'assurer le repos de la France, son bonheur et sa prospérité.

Que pensez-vous, Monsieur, des opinions énoncées dans cette lettre ? Remplacez le mot France par celui de Brésil, et n'aurez-vous pas sous les yeux la conduite la plus noble que puisse tenir un homme qui a l'honneur d'appartenir à la chambre des députés.

Cette lettre offre en même temps la définition la plus parfaite du mot *Libéral* dans sa véritable acception. La manière dont l'opposition interprète les mots *Libéraux*, *Libéralisme*, est tout-à-fait fautive. Le journal qui se dit l'organe de cette opposition, nous donne, trois fois par semaine, la preuve que ses patrons entendent peu l'économie politique, et que surtout ils n'ont aucune idée saine du gouvernement représentatif. Cette feuille est, dans l'ordre moral, ce qu'est un enfant dans l'ordre physique, turbulente et superficielle.

Je puis enfin, Monsieur, vous parler d'un événement qui va combler de joie tout l'empire. Une princesse de la noble maison de Savoie, jeune, belle, n'ayant eu sous les yeux, depuis son enfance, que des exemples de vertu, va venir remplir sur le trône et dans le cœur de tous les Brésiliens le vide qu'y a laissé la mort de notre vertueuse Impératrice. On n'élève plus le moindre doute sur le mariage de S. M. Je puis vous donner sur notre future Impératrice des détails auxquels vous pouvez ajouter foi : ils m'ont été donnés à moi-même par un ami qui a long-temps habité une des principales villes des Etats de S. M. le roi de Sardaigne. Fille du Roi Victor Emmanuel, la Princesse..... est née en Sardaigne où elle a été élevée jusqu'à l'âge de ....., sous les yeux de ses augustes parents, au sein d'une cour que les orages politiques avaient accablée. Rentrée en Piémont en 1814, S. A. R. a reçu à Turin l'éducation la plus soignée, mais à laquelle a toujours présidé la plus noble simplicité. Pieuse sans affectation, habituée à vivre au sein d'une famille dont l'union a toujours fait le plus parfait bonheur, sous les yeux de sa mère dont l'élevation d'esprit a toujours été citée, S. A. R. arrivera au Brésil dotée de toutes les belles qualités qui peuvent assurer le bonheur de son époux et du peuple sur lequel elle est appelée à régner. Sa taille est élégante, sa figure noble et belle. Par sa mère, la Princesse est fort proche parente de la maison d'Autriche : elle est, par sa famille pater-

nelle, nièce du Roi de France, et le Roi de Sardaigne Charles-Félix, actuellement régnant, est frère du père de S. A. R., auquel il a succédé par suite de son abdication en 1821, au moment de la révolution qui a éclaté en Piémont. Le Prince de Savoie-Carignan, héritier présomptif de la couronne de Sardaigne, est parent de notre future Impératrice, mais à un degré assez éloigné.

Vous devez avoir pensé, Monsieur, combien l'époque à laquelle doit se conclure cet heureux hymen est attendue avec impatience. Pussions-nous aussi voir sur la couronne de notre Impératrice un rameau d'olivier, symbole de paix, mêlé aux myrtes de l'amour.

Quelques nouvelles assez importantes nous sont parvenues de l'Amérique du Sud. Les différends entre le Pérou et la république de Bolivia ne paraissent pas près de se terminer. Ils ont pour cause, assure-t-on, la division que la conduite de Bolivar a produit entre les chefs de ces deux républiques; on craint que la guerre ne vienne à éclater entr'elles. L'ambition et le démon de la démagogie dévorent les deux nouveaux états républicains: combien ils sont encore loin du calme si nécessaire aux nations après 10 ans de convulsions politiques et de combats! Si l'on en croit le *Condor* de Bolivia, plusieurs émissaires de la Sainte Alliance viennent encore augmenter les embarras. Ceux-ci sont cependant moins dangereux; toutes les ambitions se taisent, toutes les haines disparaissent à la vue de l'ennemi commun, qui, en Amérique, nous est toujours envoyé par l'Alliance *Sainte* ou par ses partisans.

Nous n'avons pas de nouvelles bien fraîches de Buénos-Ayres: les dernières qui étaient du 27 Janvier ne parlent que du retard que les députés mettent à ouvrir la Convention nationale à Santa-Fé, du traité d'amitié entre la république Bolivienne et la république Argentine: elles annoncent aussi l'arrivée des contingens dans la Bande Orientale. Le journal des prises faites par Fournier, pendant la dernière croisière, est effrayant: les gazettes de Buénos-Ayres le donnent toutes en entier.

Je ne vous donne aucune nouvelle de la guerre du Sud, car les nouvelles de victoire qui ont circulé en ville, n'ont aucun caractère officiel, et me paraissent prématurées.

Je suis, etc.

CHEVALIER.

P. S. Je ne vous entretiens pas de l'*Astrée* qui a un peu baissé le ton depuis quelques numéros : elle est moins turbulente et moins hostile, mais toujours aussi ennuyeuse ; mais je ne vous ai pas promis de relever toutes ses inepties. La discussion sur la souveraineté continue toujours : le *Diario Fluminense* foudroie Madame de l'opposition. J'espère qu'enfin cette discussion aura un terme, car elle devient fastidieuse.

---

